

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

AS MARCAS E A ATUALIDADE DA ESCRITA DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Mateus Campos de Oliveira

Rio de Janeiro
2024

AS MARCAS E A ATUALIDADE DA ESCRITA DE CAROLINA MARIA DE JESUS

por

Mateus Campos de Oliveira

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras na habilitação Português-Literaturas.

Orientador: Prof. Dr. Adauri Silva Bastos

Rio de Janeiro

2024

CIP - Catalogação na Publicação

O48m Oliveira , Mateus Campos de
 As marcas e a atualidade da escrita de Carolina
 Maria de Jesus / Mateus Campos de Oliveira . -- Rio
 de Janeiro, 2024.
 34 f.

 Orientador: Aduari Silva Bastos.
 Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
 Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
 de Letras, Bacharel em Letras: Português -
 Literaturas, 2024.

 1. Carolina Maria de Jesus . 2. Características
 da escrita . 3. Literatura contemporânea . I.
 Bastos, Aduari Silva , orient. II. Título.

FOLHA DE AVALIAÇÃO

Mateus Campos de Oliveira
DRE 120144095

AS MARCAS E A ATUALIDADE DA ESCRITA DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ),
como requisito parcial para obtenção do título de
Licenciatura em Letras na habilitação
Português-Literaturas.

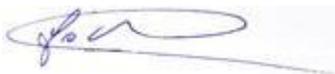
Data da avaliação: 11/12/2024

Banca Examinadora:



Adauri Silva Bastos – Presidente
Faculdade de Letras / UFRJ

NOTA: 10,0 (dez)



Godofredo de Oliveira Neto – Leitor Crítico
Faculdade de Letras / UFRJ

NOTA: 10,0 (dez)

MÉDIA: 10,0 (dez)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo explorar o projeto literário de Carolina Maria de Jesus e sua relevância para a literatura contemporânea. Serão analisados seus livros *Quarto de despejo*, *Casa de alvenaria* e *Diário de Bitita*, além das características literárias presentes em sua escrita. Também será discutido como a obra de Carolina desafia e expande o cânone literário brasileiro, abrindo novas possibilidades para a inclusão e representação na literatura contemporânea. Espera-se refletir sobre a contribuição de Carolina Maria de Jesus para a literatura e seu impacto duradouro.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus; escrita; cânone literário; literatura contemporânea.

ABSTRACT

This work aims to explore the literary project of Carolina Maria de Jesus and its relevance to contemporary literature. Her works *Quarto de despejo*, *Casa de alvenaria*, and *Diário de Bitita* will be analyzed, as well as the literary characteristics present in her writing. It will also discuss how Carolina's work challenges and expands the Brazilian literary canon, opening up new possibilities for inclusion and representation in contemporary literature. It is hoped to reflect on the contribution of Carolina Maria de Jesus to literature and its lasting impact.

Keywords: Carolina Maria de Jesus; writing; literary canon; contemporary literature.

Sumário

Introdução.....	8
1. Carolina e sua trajetória literária.....	13
2. As marcas da escrita de Carolina.....	17
3. Carolina e a contemporaneidade.....	23
Conclusão.....	31
Referências.....	33

Introdução

A escrita autobiográfica é uma característica marcante da obra de Carolina Maria de Jesus. A autora usa sua própria vida como matéria-prima para suas histórias, construindo narrativas a partir de suas experiências pessoais.

Em seus textos, não apenas relata os eventos de sua vida, mas também reflete sobre eles, oferecendo uma visão profunda de sua existência. Escreve sobre sua luta diária pela sobrevivência, suas observações sobre a sociedade e suas aspirações e sonhos.

Em *Quarto de despejo*, por exemplo, descreve sua vida na favela e a constante busca por comida e recursos básicos. Em *Casa de alvenaria*, narra sua experiência após o sucesso do primeiro livro e a mudança para uma casa de alvenaria, refletindo sobre as mudanças em sua vida e as novas lutas que enfrenta. Em *Diário de Bitita*, rememora a infância, oferecendo uma visão de sua vida como menina negra crescendo no interior. Ao longo de sua obra, descreve as dificuldades que enfrentou, as injustiças que testemunhou, os sonhos e as origens de seu pensamento poético.

Para Antonio Candido,

as produções literárias, de todos os tipos e todos os níveis, satisfazem necessidades básicas do ser humano, sobretudo através dessa incorporação, que enriquece a nossa percepção e a nossa visão do mundo. [...]. Em todos esses casos ocorre humanização e enriquecimento, da personalidade e do grupo, por meio de conhecimento oriundo da expressão submetida a uma ordem redentora da confusão (2004, p. 182).

Carolina Maria de Jesus vê a escrita como necessidade e acha importante contar suas histórias, pensando seu projeto literário e sua afirmação como escritora. Por meio de sua escrita, oferece uma visão singular e impactante de sua vida. Sua narrativa proporciona uma compreensão mais profunda da realidade enfrentada por uma mulher negra e marginalizada. Ela relata os eventos de sua vida com reflexões que revelam suas lutas, observações e ideias. Através de suas palavras, Carolina nos convida a enxergar e a valorizar vozes muitas vezes silenciadas.

Sua trajetória literária foi marcada por desafios e obstáculos. Ela aspirava a ser reconhecida e respeitada como escritora, mas sua jornada não foi fácil. Muitas vezes Carolina se viu negligenciada e subestimada pelo meio literário.

A literatura, quase sempre dominada por vozes privilegiadas, relutava em lhe abrir suas portas. Apesar de seus escritos serem ricos em autenticidade e perspicácia, eram frequentemente desconsiderados como literatura e vistos apenas por curiosidade. A razão para isso pode estar em sua origem humilde e na forma crua com que retratava a realidade em que vivia.

Mas Carolina enfrentou essas barreiras e continuou a lutar por seu espaço, deixando um legado poderoso. Hoje, é considerada um dos grandes nomes da literatura brasileira desde o passado até a contemporaneidade.

Nossa autora integra uma lista de escritores que produzem uma literatura pensada e reflexiva sobre a realidade do Brasil. A precedê-la há vários cultivadores dessa escrita, a um só tempo, literária e crítica, portanto capaz de contribuir para lançar luz sobre várias questões que envolvem perspectivas raciais e sociais que se desdobram até a atualidade. Entre esses autores encontram-se nomes como Maria Firmina dos Reis, Machado de Assis e Lima Barreto.

A produção literária afro-brasileira representa uma forma de manifestação das experiências, vivências e visões desses autores dentro da sociedade brasileira. Constitui uma expressão fundamental da realidade negra no Brasil, onde autores criam obras que pensam e confrontam o racismo, a discriminação e a desigualdade social. Por meio de suas narrativas, oferecem uma perspectiva profunda das experiências da comunidade afrodescendente, abrindo espaço para críticas e questionamentos sobre as perspectivas sociais do país.

Em sua obra, Machado de Assis ilustra com maestria a complexidade das questões sociais e raciais do Brasil. Seus trabalhos oferecem críticas inteligentes e sutis a essas questões em sua época. O autor explorou temas como a hierarquia social, o preconceito racial e as dinâmicas de poder na sociedade brasileira do século XIX. Sua capacidade de tecer críticas sociais profundas e suas reflexões sobre a identidade nacional tornam sua obra uma contribuição fundamental para a literatura brasileira aberta ao enfoque de contradições e desafios que ressoam até os dias de hoje.

Em muitas histórias de Machado de Assis, encontramos uma crítica constante a essas questões, em prova da perspicácia de sua escrita. Sua postura mais diretamente problematizadora aparece em suas crônicas. Em sua ficção, a criticidade se mostra mais discreta. A perspectiva das obras é construída, em grande medida, através da representação de ações e pensamentos de personagens das classes dominantes, que ocupam espaços de influência cultural e poder. O autor desenvolve a voz narrativa de personagens não negros para revelar as contradições da elite. Conforme afirma Eduardo de Assis Duarte, “o que se

nota é o texto voltado para a crítica ao mundo dos brancos, marcada pela ironia e por um conjunto de procedimentos dissimuladores” (2014, p. 149).

Um dos traços marcantes da obra machadiana é o lançamento de um olhar crítico e irônico para a sociedade da época. Nesse sentido, o conto “O caso da vara” é exemplar. Igualmente significativo é “Pai contra mãe”, que deixa perceber a visão do autor sobre a escravidão.

Ainda conforme Duarte (2019), Machado de Assis se destaca como um precursor. Seu legado serve de referência e exemplo de comprometimento crítico com os problemas sociais e políticos de seu tempo. Seus escritos abordam a condição humana em suas mais diversas e conflitantes facetas.

No contexto da representação individual, há uma tendência a se destacar a apropriação da narrativa pelo próprio sujeito. Esse fenômeno se manifesta de maneira clara em autores como Lima Barreto, cujos textos são marcados pela exploração profunda da subjetividade dos personagens, principalmente negros. Em suas narrativas, o autor aborda os dilemas complexos da identidade étnica e racial. Reflete acerca das experiências e dos desafios enfrentados por indivíduos marginalizados pela sociedade, criticando abertamente as estruturas opressivas e discriminatórias. “O negro surge marcado pela perspectiva interna na ficção de Lima Barreto, que faz dele um ser humano livre de estereótipos, como em *Recordações de Isaías Caminha* (1909) ou em *Clara dos Anjos* (1948)” (Duarte, 2014, p. 149).

Lima Barreto se destaca por dar voz ao cidadão comum, ao qual oferece o centro de suas narrativas. Suas histórias ambientadas durante a passagem da Monarquia para os primórdios da República também revelam o impacto dessas mudanças na vida das pessoas. Ao retratar de forma autêntica e detalhada os desafios e as aspirações do indivíduo comum nesse período de transição histórica, dá voz às pessoas marginalizadas e muitas vezes esquecidas. Destaca-se pela capacidade de transformar experiências marcadas pela opressão e pelo fracasso em expressão literária. Humaniza as histórias ao realçar experiências emocionais, dilemas e conflitos internos de quem vive à margem da sociedade.

Suas narrativas não apenas documentam os eventos históricos de sua época, mas também os interpretam e contextualizam. Sua escrita não se limita a oferecer um enredo, tornando-se um poderoso instrumento de exploração e questionamento das estruturas sociais, políticas e culturais da época. Ao dar voz aos marginalizados e desafiar as convenções literárias, o autor expande sua visão crítica de uma sociedade em plena transformação.

Em suas criações, Lima Barreto explora as complexas interações entre indivíduo, arte e identidade. Suas personagens negras são agentes ativos que moldam e são moldados pelas forças sociais, econômicas e culturais de seu tempo.

Como grande exemplo na literatura brasileira de autoria de mulheres negras, temos Maria Firmina dos Reis, cujo resgate é um verdadeiro gesto de justiça. Hoje, a autora é bem acolhida, apesar de a literatura ter, entre suas máculas, o fato de haver sido um espaço de poder e expressão de maioria masculina, em que as vozes femininas eram frequentemente silenciadas ou ignoradas. As mulheres, particularmente negras, viam-se sistematicamente excluídas do cânone literário, majoritariamente masculino e branco.

No século XIX, Maria Firmina dos Reis quebrou barreiras ao escrever *Úrsula* (1859), primeiro romance abolicionista em língua portuguesa. Em uma época em que a representação da mulher negra era frequentemente ignorada ou estereotipada, a autora é um destaque. “Maria Firmina articula de forma crítica as ações do enredo, de modo a destacar os personagens negros e a condenar explicitamente a escravidão” (Duarte, 2019, p. 73).

Maria Firmina dos Reis desafiou as percepções dominantes de sua época e venceu as barreiras impostas à mulher negra. A determinação a levou a uma posição de destaque nas complexidades da arte literária. Conseguiu publicar seus livros, nos quais expôs um olhar sensível e poético que figura em nossa literatura como fonte de inspiração cada vez mais valorizada.

Os estereótipos que sempre permearam a representação literária da mulher negra são muitos e profundamente enraizados. A hipersexualização e a desumanização frequentemente a relegam a objeto de desejo, obscurecendo sua humanidade e complexidade como indivíduo.

A ficção de Maria Firmina dos Reis se distingue desses estereótipos pela perspectiva singular que adota, da qual resulta a atribuição de protagonismo à mulher negra. Em *Úrsula*, destaca-se “a voz mais significativa da narrativa, ‘Mãe Susana’, que possui o seu discurso a partir do entrecruzamento da memória e de sua própria condição atual, enquanto ‘escravizada’” (Dalcol, 2020, p. 71).

Uma das inovações de Maria Firmina dos Reis reside justamente no posicionamento de Mãe Susana como figura importante da história, rompendo com as convenções dos romances que tratam da escravidão. Ao realçar a subjetividade e a humanidade da mulher negra, a autora desafia a narrativa predominante, que tende a objetificá-la e marginalizá-la.

Esta rápida rememoração do trio de predecessores certamente nos ajuda a perspectivar o projeto literário de Carolina Maria de Jesus, cuja relevância para a literatura contemporânea

pretendemos evidenciar. Por meio de uma análise cuidadosa e reflexiva, esperamos lançar luz sobre as várias facetas de sua obra e o impacto que sua escrita continua tendo.

Para tanto, observaremos a vida de Carolina, tentando enxergar em que medida suas experiências pessoais e profissionais moldaram sua escrita. Examinaremos a trajetória de suas obras desde a concepção até a publicação, refletindo sobre sua repercussão e a influência desses processos sobre seu estilo e sua temática.

Em seguida, esquadriharemos os traços literários de sua obra. Veremos a maneira como Carolina maneja forma e conteúdo para construir suas narrativas. Chamaremos a atenção para a habilidade com que a escritora mescla elementos poéticos e ficcionais com fatos da realidade que a cerca.

Finalmente refletiremos acerca da contribuição da obra de Carolina para a produção literária contemporânea que busca autonomia e representação. Com esse fim, pensaremos o cânone de nosso tempo sob a perspectiva negra, feminina e periférica.

Em síntese, esperamos dar o merecido destaque à contribuição de Carolina Maria de Jesus para a literatura, mediante a apreciação de sua obra em si e relativamente a seu impacto na atualidade.

1

Carolina e sua trajetória literária

Carolina Maria de Jesus foi discriminada devido à sua baixa escolaridade, ao fato de ser mulher, à sua origem negra e à condição social desfavorecida. Esses obstáculos marcaram profundamente sua experiência de vida e se refletem em sua produção. Apesar deles, a escrita fez parte intrínseca de seu cotidiano, revelando sua determinação em resistir às dificuldades.

Carolina se destacava como figura à margem do cenário literário, já que sua origem a excluía do seletivo círculo de escritores e intelectuais. Contudo, para ela, escrever significava mais do que apenas se expressar artisticamente; era uma necessidade. Era uma maneira de dar voz às experiências e aos pensamentos, de recriar a realidade muitas vezes injusta que enfrentava diariamente.

A esse propósito, Regina Dalcastagnè afirma:

Pensem no quanto é grande o desejo de escrever, para que essas pessoas se submetam a isso – a fazer o que “não lhes cabe”, aquilo para o que “não foram talhadas”. Imaginem o constante desconforto de se querer escritor ou escritora, em um meio que lhe diz o tempo inteiro que isso é “muita pretensão” (2012, p. 9).

Carolina sentia a urgência de compartilhar pensamentos, sentimentos e experiências por meio das palavras, mesmo diante das adversidades, da falta de condições ideais e da ausência de um ambiente estimulante.

Parte da crítica tende a rotular textos de autores como Carolina Maria de Jesus como carentes de valor estético, panfletários ou desprovidos de mérito literário. No máximo, concede algum reconhecimento por seu impacto social e histórico. Assim, reforça a invisibilidade da escrita dos marginalizados.

A tendência a subestimar a literatura produzida por escritores marginalizados reflete a estrutura social e cultural predominante. A literatura, assim como outras formas de expressão artística, não escapa às influências do poder e do privilégio.

Para pensar a construção literária de Carolina Maria de Jesus, enfocaremos três obras testemunhais: *Quarto de despejo*, *Casa de alvenaria* e *Diário de Bitita*, vistas como uma trilogia da construção artística e de vida da escritora.

O livro mais conhecido de Carolina Maria de Jesus – *Quarto de despejo* – é um retrato cru e honesto da vida na favela do Canindé, em São Paulo. Esse livro, espécie de diário

escrito entre 1955 e 1960, ganhou destaque graças ao esforço do jornalista Audálio Dantas, que reconheceu o valor de suas palavras e ajudou a torná-lo conhecido do público. O texto documenta as adversidades enfrentadas por moradores de comunidades, além de constituir uma coleção de relatos reveladores do cotidiano de uma catadora de papel.

Conforme Aline Alves Arruda,

é um misto de denúncia, de memória individual e coletiva e de um olhar de dentro também sobre os resquícios da vida, especialmente a urbana, os “restos” que permeiam nossa existência e que, no caso de Carolina, entremeiam a sua. A narradora vai do cotidiano afetivo com os filhos à arqueologia de catadora de lixo na luta diária pela sobrevivência (2015, p. 37).

Apesar de suas muitas marcas literárias, *Quarto de despejo* passou muito tempo sendo visto como “obra essencialmente de protesto, cuja maior virtude estaria na forte denúncia social que formulava” (Coronel, 2014, p. 274), ao expor a dura realidade da vida na favela e apontar as profundas desigualdades que prevalecem na sociedade. Acrescente-se a insistência de muitos analistas em desvalorizar o texto de Carolina por conta das incorreções gramaticais.

No entanto, é importante ressaltar que a obra de Carolina vai além de mero registro das dificuldades da vida na favela. Oferece uma visão íntima e pessoal de sua experiência, configurando-se uma narrativa rica e complexa. A linguagem é expressiva, poderosa e autêntica. Reflete sua identidade única e sua experiência de vida, e é precisamente essa autenticidade que possibilita a seu trabalho ter um impacto tão profundo e duradouro.

Com o sucesso de *Quarto de despejo*, Carolina experimentou uma mudança significativa em sua jornada pessoal. Deixou para trás a favela onde vivia e mudou-se para o bairro de Santana. Mas não parou de escrever: continuou a documentar sua vida, agora na nova residência.

Em *Casa de alvenaria*, vemos Carolina vivendo o sucesso e a ascensão de quem viu seu primeiro diário virar *best-seller*, proporcionando-lhe, e à sua família, a saída da favela e a compra de uma moradia diferente do antigo barraco.

O livro é perpassado pela exaltação de si mesma. Essa autoafirmação é um traço recorrente de sua escrita. Ela celebra conquistas e expressa orgulho de sua jornada. Mas também a vemos enfrentar os desafios das expectativas sociais e reivindicar seu lugar no mundo. Agora ela circula por ambientes novos e se encontra com pessoas de outras

realidades. Percebemos que não se sente pertencer a esse outro lugar, onde sofre bastante preconceito.

A recepção a esse livro ficou muito aquém da acolhida dada ao anterior. O prestígio e a curiosidade pela escrita de Carolina se diluíam. Na apresentação do segundo diário, Audálio Dantas escreve:

Agora você está na sala de visitas e continua a contribuir com este novo livro, com o qual você pode dar por encerrada a sua missão. Conserve a humildade, ou melhor, recupere aquela humildade que você perdeu um pouco – não por sua culpa – no deslumbramento das luzes da cidade. Guarde aquelas “poesias”, aqueles “contos” e aqueles “romances” que você escreveu (1961, p. 9).

Após o sucesso da primeira obra, a continuação da escrita é considerada impossível. A ascensão, vista apenas por curiosidade, não tem a mesma força. Carolina deveria se despedir e guardar para si sua literatura.

Mas não foi isso o que aconteceu: publicou mais alguns livros em vida. Entretanto, enfrentou obstáculos significativos com os editores, o que eventualmente a levou a se mudar para um sítio em Parelheiros, onde passou os últimos anos de sua vida, vindo a falecer em 1977.

Antes de morrer, Carolina, muito por conta de sua dificuldade de publicar no Brasil, entregou a jornalistas franceses que vieram entrevistá-la certos manuscritos inéditos que serviram de base para a composição do *Journal de Bitita*, publicado na França em 1982 e quatro anos depois no Brasil, onde se intitulou *Diário de Bitita*.

Existem inúmeras diferenças entre essas edições e o manuscrito original. Algumas marcas da escrita de Carolina se perderam, uma vez que a edição brasileira resultou de uma tradução do francês, em vez de se basear nos escritos originais. Repetiu-se um processo editorial que resultou em mudanças significativas na escrita da autora. Porém, essas alterações não diminuem o impacto e a importância desse livro.

Diferentemente de um diário tradicional, trata-se de uma narrativa contínua, organizada em capítulos. Tal estrutura provavelmente foi implementada pelos jornalistas que organizaram a obra. O texto oferece uma visão íntima da vida da autora, que retorna à infância. Relata suas origens e sua formação de uma maneira pessoal, proporcionando ao leitor uma compreensão mais profunda de sua jornada e suas experiências de vida.

O corpo inscrito nas memórias de Carolina é que se performatiza na escrita sobre sua vida. Ao retornar à infância em Sacramento, a distância temporal do corpo adulto toma o lugar do corpo da criança, todos fragmentos da mulher escritora, da autora Carolina Maria de Jesus (ARRUDA, 2015, pp. 65-66).

Em *Diário de Bitita*, encontramos uma mistura de realidade e ficção. A autora retrata sua infância e juventude em Sacramento, Minas Gerais, onde nasceu em 1914 e tinha, como apelido, Bitita. A partir de elementos da ficção, cria uma percepção única de suas experiências passadas. Isso resulta em uma construção autobiográfica com conteúdos ficcionais.

Carolina documenta sua história, mas dentro de seu projeto literário, entendendo sua narrativa como algo necessário de ser apresentado. Usa suas experiências de vida para criticar a situação do país, dando destaque às injustiças sociais e políticas. Narra de uma maneira, a um só tempo, pessoal e política. De fato, nas palavras de Antonio Candido, “a literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (2004, p. 177).

A questão sobre o que constitui a literatura é complexa. O mesmo se pode dizer da discussão acerca de quem detém a autoridade para determinar se um texto é ou não literatura e o que a define. É o que o leva Fernanda Rodrigues de Miranda a dizer: “A construção do valor estético das obras literárias – ou da própria concepção do que venha a ser a literatura – abrange processos históricos tangentes às esferas que validam o texto como literário” (2013, p. 19).

Por que os escritos de Carolina não seriam considerados literatura? Perguntas como esta desafiam as noções convencionais e abrem caminho para uma compreensão mais inclusiva e diversificada da literatura. Nossa autora faz parte de um grupo maior que, coletivamente, é marginalizado.

Mas seu discurso é poderoso e transformador. Eleva a linguagem comum a escrita diferenciada. Essa transformação permite que os leitores vivenciem a experiência relatada de maneira mais íntima e intensa. A narradora nos convida a entrar em seu mundo e ver a vida através de seus olhos.

É fundamental que continuemos a valorizar e reconhecer a literatura produzida por escritores como Carolina. Seu trabalho não é importante apenas por seu impacto social e histórico, mas também por sua perspicácia. Sua escrita é um testemunho poderoso da vida na margem e é um lembrete de que todas as vozes têm valor e merecem ser ouvidas.

2

As marcas da escrita de Carolina

Carolina explora uma temática profunda, que envolve o testemunho, a memória e a crítica. Sua linguagem é ao mesmo tempo reflexiva e poética, revelando sensibilidade na expressão de ideias e emoções, além de habilidade no trabalho com a linguagem, repleta de metáforas e ironias. Sua perspicácia ao observar a realidade é usada de forma expressiva na construção dos textos, de modo que sua escrita “é forte, densa, daquelas que incomodam e encantam ao mesmo tempo” (DUARTE, 2014, p. 130).

Portanto, a análise de três livros que fundem vida e processo de escrita – *Quarto de despejo*, *Casa de alvenaria* e *Diário de Bitita* – possibilitará a compreensão de diferentes características literárias da escrita de Carolina Maria de Jesus. Veremos que a autora mescla elementos poéticos e ficcionais com relatos vívidos da realidade que a cerca, indo longe no tocante à forma.

Sua literatura é de testemunho: ela relata a realidade em que vive, sobre a qual desenvolve reflexões. Seus livros são baseados em suas experiências: ela usava a escrita para documentar e dar testemunho de vida.

Quarto de despejo revela seu cotidiano de catadora de papel através de sua própria experiência e perspectiva. Relata sua existência mesclando denúncia e memória. Oferece um ponto de vista interno sobre os resquícios da vida, especialmente a vida urbana. “Eu cato papel, mas não gosto. Então eu penso: Faz de conta que eu estou sonhando” (JESUS, 1960, p. 31).

A propósito de *Quarto de despejo*, Fernanda Rodrigues observa:

Na obra caroliniana normalmente mesclam-se as instâncias textuais autora/narradora/personagem, tornando problemática a delimitação rígida entre os campos do real e da ficção. Isto é, embora a autora tangencie na linguagem a sua experiência concreta, esta experiência toma corpo na palavra, e o sujeito que é narrado torna-se signo, um ser de linguagem, e, portanto, dividido, disperso e disseminado na elaboração escrita (2013, p. 18).

Portanto, a obra de Carolina é mais do que apenas um relato da vida de uma catadora de papel. Desafia as convenções literárias, fundindo autora, narradora e personagem em uma única entidade textual.

Eu tinha excesso de imaginação, mas não chegava a nenhuma conclusão nos fatos que presenciava. Estava com seis anos. O único lugar seguro para eu guardar os fatos era dentro da minha cabeça. Minha cabeça é um cofre. Minha mentalidade aclarou-se muito mesmo (JESUS, 1986, p. 132).

Em *Diário de Bitita*, Carolina busca reunir memórias e experiências que caracterizam o espaço e as relações em seu entorno. Não apenas descreve seu mundo, mas o constitui por meio de seu olhar. Esse universo é permeado por familiares, vizinhos e algumas figuras da cidade de Sacramento.

Suas memórias são repletas de eventos descritos com riqueza de detalhes, proporcionando uma visão nítida de sua vida, “pois a narradora se apresenta como uma menina questionadora em diversas situações de seu relato” (ARRUDA, 2015, p. 67).

Diferentemente de *Quarto de despejo*, que assume ares de diário, *Diário de Bitita* é dividido por temas resgatados pela memória. No entanto, algumas questões são abordadas com frequência, criando um fio condutor que une as diversas partes do livro. “No caso dos diários, estes seriam testemunhas de um tempo apreendido por ela, que inventa o presente com seus resíduos e transforma-os em elementos autobiográficos na escrita” (ARRUDA, 2015, p. 35).

Por meio de sua escrita, ela não apenas documenta sua existência, mas se torna uma voz para aqueles que, como ela, lutam para sobreviver em um mundo inconstante. “Devemos escrever a realidade. A verdade. Revelar os fatos que corrompem um país” (JESUS, 2021, p. 182).

Suas histórias são profundamente marcadas por elementos trágicos, refletindo as dificuldades e desafios que enfrenta em seu cotidiano. Carolina não se limita a descrever essa realidade; a critica abertamente. Denuncia as desigualdades sociais e a marginalização dos pobres, trazendo à luz injustiças muitas vezes ignoradas pela sociedade em geral.

Em *Quarto de despejo* frequentemente reclama da miséria alimentar. Essa é uma crítica direta à falta de recursos básicos, como comida, que muitas pessoas nas favelas enfrentam. A fome é uma realidade constante em sua vida. “E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual – a fome!” (JESUS, 1960, p. 33).

Com sua costumeira argúcia, afirma Conceição Evaristo: “Sobre a fome descrita pela escritora, temos insistido que se tratava de uma fome mais profunda, e não somente a privação, a carência material, mas uma fome física, como metáfora do vazio, da dor, do

inexplicável, da vacuidade existencial” (2021, p. 7). De fato, a escrita de *Casa de alvenaria* é vazada por perguntas existenciais e sentimentos que denotam inconformidade com o destino, apesar da perspectiva de resolução de questões materiais que atormentavam a escritora em um passado ainda recente. “Eu ainda não habituei com este povo da sala de visita. Uma sala que estou procurando um lugar para sentar...” (JESUS, 2021, p. 19).

As questões raciais também afloram com muita intensidade no mundo de Carolina. Lembrando a própria condição da autora, a escolha por abordar o problema e relatá-lo no diário que será publicado demonstra sua vertente coletiva, além da individual e política. Esse tema, recorrente em sua obra, revela um aspecto de denúncia: “Alguns críticos dizem que sou pernóstica quando escrevo – os filhos abluíram-se – sera que o preconceito existe até na literatura? O negro não tem o direito de pronunciar o classico?” (JESUS, 2021, p. 84).

Carolina frequentemente associa a questão étnica à social de maneira encenada e marcada. Dessa forma, sua presença corporal é reveladora de seu ato político na escrita. Mas Carolina sempre reafirma seu orgulho de ser negra: “E eu... gosto de ser preta. A minha cor, é o meu orgulho” (JESUS, 2021, p. 20). A memória corporal étnica também a leva a refletir sobre a beleza e a importância do cabelo na identidade e na cultura negra.

Vemos que adotava uma abordagem singular e não convencional. Autores canônicos frequentemente aderem a estruturas conhecidas, fazem uso da linguagem formal e aderem a gêneros tradicionais. Quanto a Carolina, não estava presa a essas restrições. Escrevia de maneira mais livre, sem seguir uma ordem fixa ou um padrão predefinido. Isso pode ter resultado em uma escrita mais autêntica e original.

Carolina combinava diferentes técnicas, estilos e influências. Usava uma linguagem simples e direta para narrar suas experiências, mas empregava elementos poéticos em suas descrições. “Essa linguagem seria a mistura que Carolina faz entre o preciosismo linguístico, já desprezado pelos modernistas desde 1922, e a sintaxe ‘fraturada’ que marca sua literatura e a mantém fora dos moldes da elite” (ARRUDA, 2015, p. 24).

No prefácio de Conceição Evaristo a *Casa de alvenaria*, lemos:

Embora o texto apresente as características fundamentais do estilo – registro manuscrito, concebido em primeira pessoa, com datação dos acontecimentos relativos ao cotidiano do sujeito da escrita e apresentação de seus sentimentos e segredos –, algo, porém, foge da estrutura tradicional do que seria considerado diário, revelando outras vozes que visitam o texto da autora (EVARISTO; JESUS, 2021, p. 10).

[...]

[A escrita de Carolina é] discurso literário em que o processo da escrita precisa ser pensado para além do que a gramática, os dicionários, os livros escolares, os mestres da língua portuguesa, o sistema de ensino da língua e a escola permitem e oferecem (2021, p. 11).

A edição mais recente de *Casa de alvenaria* respeita a forma de expressão da autora, que mescla linguagem e escrita coloquial e formal. Em seus escritos, frequentemente usa a ironia e a metáfora para criticar a sociedade e as condições de vida nas favelas. Pela maneira como escreve, transforma fatos cotidianos em acontecimentos relevantes, descritos com literariedade.

Uma das principais metáforas que Carolina constrói é justamente sobre o quarto de despejo.

Eu classifico São Paulo assim: O Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos (JESUS, 1960, p. 33).

[...]

Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de veludo, almofadas de cetim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo (JESUS, 1960, p. 56).

Carolina compara diferentes partes da cidade a cômodos de uma casa. A analogia ajuda a entender sua perspectiva. O Palácio é equiparado à sala de visita, sugerindo que é um espaço formal e imponente, onde as aparências importam. A Prefeitura é a sala de jantar, possivelmente relacionada à tomada de decisões e à política. A cidade é o jardim, representando a área mais ampla e diversificada. A favela é o quintal onde se jogam os lixos, portanto é um espaço negligenciado, onde os problemas são descartados e esquecidos.

Carolina sugere que a cidade não considera a favela como parte integrante do todo. Essa separação é simbólica e reflete desigualdades sociais e econômicas, a marginalização e a invisibilidade dos moradores de favelas.

Em *Casa de alvenaria*, frequentando outros espaços, a narradora deixa ver sua observação crítica. Nota-se a ironia com que se posiciona em relação a outras pessoas

presentes no teatro, oriundas de ambientes distintos do seu no que concerne às condições materiais. “Circulei o meu olhar pela plateia. Contemplando aquela burguêsia bem nutrida, bem vestida. Ouvindo a palavra fome, palavra Abstrata para eles e Concreta para mim que fui aluna da fome por longos anos” (JESUS, 2021, p. 93).

Ela não está apenas observando, mas também avaliando e comparando. Para os frequentadores do teatro, a fome é um vocábulo distante e teórico; para ela, que a sentiu no corpo, é concreto e visceral. Como narradora, posiciona-se como observadora crítica, consciente das disparidades entre sua própria vivência na favela e a realidade da burguesia. E demonstra consciência de que o verbo é sua arma: “Não tenho força física, mas as minhas palavras ferem mais do que espada. E as feridas são incicatríveis” (JESUS, 1960, p. 53).

Em *Diário de Bitita*, relata a cena em que enfrenta com argumentos um juiz da cidade para se defender de injustiças praticadas pelo filho:

O doutor Brand interferiu:

– Você não tem educação?

– Eu tenho. O teu filho é que não tem.

– Cala a boca. Eu posso te internar.

– Para o seu filho fazer porcarias em mim, como faz com as meninas que o senhor recolhe? É melhor ir para o inferno do que ir para a sua casa. Doutor Brand, aqui todos falam do senhor, mas ninguém tem coragem de falar para o senhor. Os grandes não têm coragem de chegar e falar! O seu filho entra nos quintais dos pobres e rouba as frutas (JESUS, 1986, p. 33).

Bitita percebe o que tem que enfrentar como mulher negra e pobre. Carolina, através de Bitita, denuncia as hipocrisias da conjuntura de poder. Quem tem mais poder subjuga os mais fracos, os ricos exploram os pobres. A palavra é como uma força, a possibilitar que aja e se defenda. Tanto assim que coloca um discurso crítico na voz de Bitita, que na cena ainda é criança.

Carolina deixou um legado importante e duradouro. Seu trabalho é um marco significativo no campo literário e contribui para a afirmação de perspectivas femininas, negras e periféricas. A autora usou a escrita como plataforma para destacar as injustiças sociais e raciais, dando voz aos que muitas vezes são silenciados.

A potência de sua literatura reside na forma humana e poética com que retratou o cotidiano de muitos brasileiros. Suas palavras continuam a ressoar até hoje, tocando questões profundas, que contribuem para adensar o debate sobre o próprio cânone literário.

3

Carolina e a contemporaneidade

A construção de um cânone visa reconhecer e organizar obras consideradas de significativa importância para a literatura de um país. É um processo que, mediante a catalogação das obras de destaque, busca traçar uma narrativa representativa da evolução artística e estética da literatura ao longo do tempo. Assim, ajuda a arquitetar a literatura, delineando as linhas que conectam suas diversas correntes e escolas, revelando a complexidade que constitui a identidade literária de uma nação.

Segundo João Alexandre Barbosa,

no caso brasileiro a formação do cânone literário seguiu, de bem perto, o próprio desenvolvimento de nossas relações de dependência e de autonomia com vistas às fontes metropolitanas.

Para tanto, contribuíram, sobretudo, os esforços no sentido de estabelecer um *corpus* de autores e obras identificados como brasileiros e diferenciados das origens europeias, em que se destacavam, como não podia deixar de ser, as portuguesas (2003, p. 17).

Dessa forma, a formação do cânone literário no Brasil teve origem em uma busca por uma identidade nacional. Visava-se desvendar a complexidade da nacionalidade brasileira através da literatura. Nesse contexto, diversos críticos empreenderam esforços para organizar estruturas canonizadas: partiam de pontos de vista distintos, mas partilhavam o propósito de oferecer uma representação literária autêntica do Brasil.

Mas, ao examinarmos de perto o cânone, percebemos que a noção de literatura nacional está longe de abranger toda a diversidade da identidade brasileira. A análise de cada texto revela que essas estruturas foram moldadas a partir de um pensamento que privilegia certas fontes, ao mesmo tempo que excluiu outras igualmente relevantes para a construção da identidade brasileira. Como aponta Regina Dalcastagnè,

desde os tempos em que era entendida como instrumento de afirmação da identidade nacional até agora, quando diferentes grupos sociais procuram se apropriar de seus recursos, a literatura brasileira é um território contestado.

[...]

Cada vez mais, autores e críticos se movimentam na cena literária em busca de espaço – e de poder, o poder de falar com legitimidade ou de legitimar aquele que fala (2012, p. 13).

A necessidade de contestar tensiona certos textos, nos quais somos confrontados com narrativas que refletem a complexidade das experiências. São enredos moldados por uma variedade de fatores, incluindo noções variadas sobre raça, gênero e sociedade periférica. Tais elementos influenciam o ponto de vista do autor e se refletem na construção dos personagens, proporcionando uma visão multifacetada.

A literatura de Carolina Maria de Jesus demonstra uma capacidade prodigiosa de expressar essa complexidade. Segundo Dalcastagnè, sua obra é formada a partir de uma perspectiva que lhe permite transformar as condições de sua existência de mulher negra pobre em composição literária. As dificuldades da vida não limitam sua escrita, ao contrário, enriquecem e ampliam sua literatura.

A literatura de Carolina não é mera representação biográfica. Trata-se de uma exploração profunda e complexa do cruzamento de diferentes identidades. Sua escrita desafia as noções preconcebidas e estereotipadas de raça, classe e gênero. Coloca em xeque as narrativas dominantes e oferece uma visão alternativa, que reconhece a complexidade e a humanidade de indivíduos muitas vezes marginalizados e ignorados.

Portanto, ao refletir sobre sua literatura, precisamos reconhecer a complexidade das narrativas apresentadas, quase sempre engendradas a partir de uma grande variedade de fatores, a oferecerem uma visão rica e multifacetada. Assim, contribuem para uma compreensão abrangente e inclusiva da experiência humana.

Esse aspecto da literatura de Carolina se mostra ainda mais importante quando pensamos que a literatura é um espaço em que as vozes femininas muitas vezes são sufocadas pela hegemonia masculina. Em se tratando de uma perspectiva feminina negra, o espaço pode se mostrar ainda mais restrito, relativamente aos personagens e também à autoria.

O protagonismo feminino ganha força a partir da escrita de mulheres comprometidas com a emancipação.

Trata-se de uma escrita que diz respeito às mulheres, contudo elas não são as únicas produtoras do discurso. Trata-se, principalmente, de uma enunciação feminina, que vem marcada por uma inflexão da voz, além de um ritmo e tom próprios em seus textos. E essa “tradição” da linguagem causa incômodo na forma

como nos fala, porque nos fala de um outro tom, um outro lugar, um outro discurso, um lugar de desconforto, preenchido pelo vazio ou pelo silêncio (BARBOSA; FERREIRA, 2021, p. 63).

Regina Dalcastagnè afirma que “há quase que um espaço reservado a elas na literatura: falar de si. Embora restrito, é um lugar de onde as mulheres podem se expressar com alguma legitimidade, apresentando sua perspectiva sobre o mundo e abrindo espaço para as mais jovens” (2021, p. 119). É o que vemos na obra de autoras como Carolina e, entre as contemporâneas, Conceição Evaristo. Partindo dessas mulheres, é possível traçar um panorama da literatura de autoria feminina e negra no país, assim como pensar a construção de personagens subalternas.

Conceição Evaristo desenvolveu o conceito de “escrevivência”, que supõe um diálogo da literatura com a memória e as experiências vividas. A escrita da mulher negra a coloca em posição de destaque relativamente à autoria e à narração. Para Conceição,

escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua autoinscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. Insubordinação que pode se evidenciar, muitas vezes, desde uma escrita que fere “as normas cultas” da língua, caso exemplar o de Carolina Maria de Jesus, como também pela escolha da matéria narrada (2005, p. 2).

De fato, na literatura de Carolina Maria de Jesus vemos uma perspectiva voltada para sua própria experiência no mundo: “A literatura caroliniana se constrói como um espaço de reflexão da relação sobre o eu (o discurso único, o discurso do dominador) e o outro (o discurso do dominado, do excluído) por meio da voz (calada) do negro na sociedade brasileira” (BARBOSA; FERREIRA, 2021, p. 62).

Suas experiências como mulher são voltadas para sua experiência no mundo e o que ela tem a dizer sobre si mesma.

Esse mundo de fora é traduzido pelo mundo de dentro de Jesus, colocado a partir dos relatos de seu diário que não cessam em dizer, aos gritos, que existe um

sujeito social e cultural vivendo às sombras de seu apagamento, porém um sujeito de uma resistência que rompe com o seu silenciamento e ergue a voz do seu discurso (BARBOSA; FERREIRA, 2021, p. 65).

A literatura de Carolina retratou as lutas das pessoas que vivem nas favelas, dando voz a personagens marginalizadas e abrindo caminhos para autores negros no Brasil.

A literatura deve ser um espaço de problematização das relações humanas. É o que ocorre na literatura negro-brasileira, que, ao se fazer do protagonismo de pessoas negras brasileiras, valoriza suas identidades culturais.

A esse respeito, vejamos o que diz Eduardo de Assis Duarte:

É uma escrita que, de formas distintas, busca se dizer negra, até para afirmar o antes negado.

[...]

Desde a década de 1980, a produção de escritores que assumem seu pertencimento enquanto sujeitos vinculados a uma etnicidade afrodescendente cresce em volume e começa a ocupar espaço na cena cultural. Ao mesmo tempo, as demandas do movimento negro se ampliam e adquirem visibilidade institucional (2010, p. 113).

Abordar a negritude é, necessariamente, refletir sobre o viés racista dos espaços hegemônicos de representação. Até pouco tempo atrás, a publicação de autoras negras dependia de editoras de pequeno porte, grupos, rodas de leitura, saraus e iniciativas em comunidades e feiras. Aos poucos, foi vencendo as barreiras de edição e distribuição. Um número expressivo de escritoras – a exemplo de Conceição Evaristo e Ana Maria Gonçalves – conseguiu ultrapassar a produção artesanal, ou muito restrita, e alcançar leitoras e leitores em todo o Brasil.

Em *Quarto de despejo* e *Casa de alvenaria*, Carolina reflete sobre ser negra, ao mesmo tempo que exalta a cor e suas características. Entretanto, é em *Diário de Bitita* que essa abordagem alcança mais expressão: a ancestralidade é resgatada de maneira intensa e seus relatos pessoais configuram um manifesto da identidade, da herança cultural e da história coletiva.

Em certo momento, Carolina escreve: “Eu pensava que a África era a mãe dos pretos. Coitadinha da África que, chegando em casa, não encontrou os seus filhos. Deve ter chorado muito” (1986, p. 64).

A escritora expressa suas memórias como ato de possibilidade de se viver, atribuindo centralidade aos sujeitos negros, bem como permite visualizar os contornos das relações raciais na sociedade brasileira (SOUTO; FREITAS, 2022, p. 177).

Na contemporaneidade, o trabalho de Carolina influencia produções como a de Ana Maria Gonçalves, por exemplo, que em *Um defeito de cor* conta a saga dos escravizados do continente africano para as Américas a partir do ponto de vista de uma mulher que sofreu as consequências desse processo e o distanciamento do filho.

Ana Maria Gonçalves reconfigura a formação do Brasil Colônia a partir de uma narrativa conduzida por uma voz feminina e negra, Kehinde, unificação de muitas vozes que foram silenciadas. A narrativa de *Um defeito de cor* promove uma reparação na literatura brasileira, reparação dos abismos produzidos pelo racismo (DALCOL, 2020, p. 169).

Ana Maria Gonçalves se inspira na história relatada em cartas da mãe de Luiz Gama, outro escritor importante para se pensar a literatura negra no Brasil. Reescritas pela autora, as cartas revelam os sentimentos profundos dessa separação entre mãe e filho, complementando a história de vozes silenciadas no processo da escravidão, reformulando o relato e conferindo centralidade à perspectiva negra.

A escritora adota o modelo da metaficção historiográfica para trazer não a heroína idealizada pelo Movimento Negro, mas um ser forte o suficiente para resistir e, mais tarde, superar o processo de escravização; e, ao mesmo tempo, humano o suficiente para se deixar levar por atitudes incorretas. [...] Em sua busca interminável por encontrar o filho vendido como escravo, Kehinde se distancia destes extremos para afirmar sua humanidade e determinação (DUARTE, 2014, p. 152).

A obra de Carolina Maria de Jesus também é um exemplo de literatura periférica, que se concentra nas experiências das pessoas que vivem às margens da sociedade. Portanto, podemos considerar Carolina uma das precursoras da Literatura Marginal, que, surgida entre o final do século XX e início do século XXI, ganhou destaque nos círculos literários.

Seus autores são originários das periferias das grandes cidades brasileiras e, em seus escritos, costumam privilegiar temas e realidades negligenciados pela literatura tradicional. Seus componentes centrais são a favela, a violência e a marginalidade. Esses elementos – que antes eram marginalizados, pouco explorados ou estereotipados – ganharam um espaço significativo e, em certa medida, conquistaram prestígio.

Como vivenciam essas realidades de forma direta, autores e autoras das periferias escrevem sobre suas experiências, desafiando os padrões estabelecidos pela literatura canônica. Vozes silenciadas em outros momentos da trajetória literária e intelectual brasileira estão narrando suas próprias histórias e outras próximas de suas vivências.

A novidade está no fato de os sujeitos que se dedicam a contar essas histórias viverem aquilo que abordam. Assim, as narrativas se tornam um espaço de expressão, resistência e afirmação, ampliando o repertório literário brasileiro. A autenticidade e a proximidade com a realidade conferem uma outra perspectiva às histórias.

O mesmo se pode dizer de Carolina, que, vivendo essa realidade marginal, encontrou na literatura um meio de expressar e pensar suas experiências, assumindo a palavra e sendo sua própria porta-voz. É o que afirma Conceição Evaristo:

Pode-se afirmar, porém, que Carolina Maria de Jesus, produzindo a partir de uma capacidade adquirida por um processo autodidático, cria uma tradição literária em que sujeitos da escrita, tendo ou não certificados escolares, mas sempre letrados, fazem da leitura e da escrita práticas sociais que lhes possibilitam se colocar na sociedade em que vivem e inclusive criticá-la (2021, p. 12).

Carolina utiliza sua literatura como ferramenta para se posicionar na sociedade. Retrata a vida na favela, a pobreza e as injustiças sociais, expondo também seus sonhos, desejos e sentimentos. Relata suas próprias experiências e critica a realidade que a cerca, sendo ela a contar sua própria história. A consciência do que faz aparece nitidamente em *Quarto de despejo*: “E as lágrimas dos pobres comove os poetas. Não comove os poetas de salão. Mas os poetas do lixo, os idealistas das favelas, um expectador que assiste e observa as tragédias que os políticos representam em relação ao povo” (1960, p. 58).

Carolina é o sujeito de sua própria escrita e observa a realidade para questioná-la. Está dentro dessa realidade e assume a autoria para manifestar desejos, críticas e tudo o mais que sua observação e sua perspicácia podem fazê-la colocar no papel. É “a constituição da subjetividade na linguagem, a imagem de si no discurso como autora de literatura” (MIRANDA, 2013, p. 33).

Na atualidade, com o surgimento e fortalecimento da literatura marginal, diversos autores levam adiante essa perspectiva e podem se conectar com o que Carolina fez em sua época. Sua obra “constitui parte fundamental, pois nos faz pensar que as obras dos autores periféricos de hoje são uma conquista do direito ao discurso que não começou agora, mas que vem sendo engendrada há muito tempo (MIRANDA, 2013, p. 93).

Como exemplo contemporâneo de literatura marginal, podemos citar Allan da Rosa, escritor, editor e educador brasileiro que também aborda temas como identidade, memória, violência e cultura periférica.

Pensar a produção literária de pessoas da periferia é ter o entendimento de que vozes silenciadas em outros momentos da trajetória literária e intelectual brasileiras estão hoje narrando não somente suas próprias histórias, todavia outras histórias também (PINHO; RODRIGUES, 2018, p. 3.053).

Allan da Rosa se preocupa com as experiências marginalizadas e denuncia as desigualdades sociais, usando a escrita como ferramenta de transformação e conscientização. Recria a vida nas periferias, a cultura afro-brasileira e as lutas sociais a partir de suas próprias experiências.

“A linguagem do autor é incisiva e assume a enunciação dos sujeitos invisibilizados” (DUARTE, 2019, p. 381). Constatamos essa característica de Allan da Rosa em textos como a poesia “Ai lá(Apresse)” dos Cadernos Negros presente em DUARTE (2019):

Nossa Senhora das Esquinas:
 Agora que fomos promovidos vira-latas entre hienas
 Mas não debulhada nossa coragem.
 Protegeí tuas jovens crias, das latrinas, das cartilhas
 Da trairage e do salário mínimo.
 Dai de mamar nas cruzilhadas
 Enquanto nos vigia das emboscadas ecuturnos

Dai guarida, quando a baioneta mira nossa jugular. [...]
(ROSA, 2006, p. 31, *apud* DUARTE, 2019)

Tanto Carolina Maria de Jesus quanto Allan da Rosa transcenderam suas próprias realidades para criar obras impactantes. Suas palavras ecoam a luta por justiça, igualdade e dignidade. Ambos elevam o sujeito marginalizado à condição de autor de sua própria história.

Conclusão

A obra de Carolina Maria de Jesus transcende a mera narrativa autobiográfica, pois representa uma afirmação da voz e da experiência. Ao utilizar sua vida como matéria-prima para suas histórias, a autora não apenas relata eventos cotidianos, mas também os interpreta e contextualiza de maneira profunda e reflexiva.

Assim, integra uma lista de escritores que desde sempre colocam em circulação uma literatura pensada e reflexiva sobre a realidade do Brasil. Une-se a nomes importantes como Maria Firmina dos Reis, Machado de Assis e Lima Barreto, pioneiros no cultivo de uma escrita crítica.

Apesar dos desafios e obstáculos que enfrentou, Carolina persistiu em sua busca pelo reconhecimento literário, deixando um legado que, além de enriquecer a literatura brasileira, desafia suas limitações, ao ampliar as vozes marginalizadas e muitas vezes silenciadas.

Suas obras – especialmente *Quarto de despejo*, *Casa de alvenaria* e *Diário de Bitita* – registram sua vivência e sua realidade, sobre as quais desenvolvem reflexões profundas. Carolina lançou luz sobre as injustiças sociais, em meio às quais realçou a resiliência e a dignidade dos marginalizados.

Mais que protesto, sua escrita foi uma afirmação de sua existência e uma reivindicação de seu espaço na literatura brasileira. Apesar das críticas à sua produção, Carolina persistiu no esforço de oferecer uma visão autêntica e poderosa. Sua habilidade em transformar sua realidade em arte literária trouxe um outro olhar para a literatura, da qual demonstrou a potência transformadora quando surge das margens para o centro da cultura e da consciência nacional.

Assim, ao refletir sobre a vida e a obra de Carolina, é necessário reconhecer não apenas seu impacto social, mas também sua contribuição significativa para as letras nacionais. A autora lembra que a literatura pode ir além de rótulos e convenções, sendo uma voz para novas mudanças.

Conforme tentamos demonstrar, é inegável o impacto de sua escrita no cenário literário brasileiro. Ao mesclar elementos poéticos e ficcionais com uma crítica social contundente, livros como *Quarto de despejo*, *Casa de alvenaria* e *Diário de Bitita* vão além das fronteiras da literatura de testemunho. Ao se alimentarem de metáforas e ironias, transformam o comum em extraordinário e desenvolvem reflexões profundas sobre a condição humana.

Apesar de narrar sua própria história, Carolina também dá voz aos excluídos, desafiando e redefinindo a literatura canônica. Seu legado é levado adiante por leitores e escritores que exploram novas formas de expressão literária e abordam questões sociais. Isso faz de Carolina uma figura essencial na literatura periférica brasileira e um nome de grande importância para a abertura de veredas para uma literatura mais inclusiva.

Seus textos demonstram sua habilidade em transformar as condições de sua existência de mulher negra e pobre em composição literária. Sua literatura não é mera representação de sua identidade, mas uma exploração profunda e complexa da interseção dessas identidades.

Carolina nos ajuda substancialmente a repensar a escrita e a representação da perspectiva negra na literatura. Na atualidade, quando escritores que assumem o próprio pertencimento crescem em quantidade e ocupam cada vez mais espaço na cena cultural, a literatura de autoria de mulheres negras alcança cada vez mais leitores, com destaque para obras como a de Ana Maria Gonçalves.

A produção de Carolina é um exemplo de literatura marginal periférica, que se concentra nas experiências das pessoas que vivem nas margens da sociedade. Nesse sentido, escritores como Allan da Rosa levam adiante sua busca de abordar temas como identidade, memória, violência e cultura periférica, ecoando a luta por justiça, igualdade e dignidade.

Portanto, o legado de Carolina Maria de Jesus vai além do registro de suas vivências. A autora permanece como fonte de leitura para todos e de inspiração para aqueles que buscam narrar suas próprias histórias e reivindicar seu espaço na história literária do Brasil. Daí a importância de sublinhar sua importância histórica e cultural, além de sua relevância na formação de uma literatura brasileira mais plural e representativa.

Referências

- ARRUDA, Aline Alves. *Carolina Maria de Jesus: projeto literário e edição crítica de um romance inédito*. 2015. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.
- BARBOSA, Antônia Amélia; FERREIRA, Júlia Simone. “*Diário de Bitita: as marcas de uma escrita feminina, feminista e negra*”. *Estação Literária*, [S. l.], v. 27, pp. 57-72, 2021. DOI: 10.5433/el.2021v27.e42872. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/estacaoliteraria/article/view/42872>. Acesso em: 10 jul. 2024.
- BARBOSA, João Alexandre. “O cânone na História da Literatura Brasileira”. *Organon*. Porto Alegre, v. 15, n^{os} 30-31, 2012.
- CANDIDO, Antonio. “O direito à literatura”. In: _____. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades; Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.
- CORONEL, Luciana Paiva. “A censura ao direito de sonhar em *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus”. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n^o 44, pp. 271-288, jul.- dez. de 2014.
- DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.
- _____. “Ausências e estereótipos no romance brasileiro das últimas décadas: alterações e continuidades”. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 56, n^o 1, pp. 109-143, jan.-abr. 2021.
- DALCOL, Mônica Saldanha. *A condição da mulher negra na literatura brasileira em Úrsula, Casa de alvenaria e Um defeito de cor*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Maria, 2020.
- DANTAS, Audálio. Prefácio: “*Casa de alvenaria: história de uma ascensão social*”. In: JESUS, Carolina Maria de. *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada*. São Paulo: Francisco Alves, 1961.
- DUARTE, Eduardo de Assis. “Por um conceito de literatura afro-brasileira”. *Terceira Margem*. Rio de Janeiro, n^o 23, pp. 113-138, jul.-dez. 2010.
- _____. “O negro na literatura brasileira”. *Navegações*, [S. l.], v. 6, n^o 2, pp. 146-153, 2014. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/view/16787>. Acesso em: 3 jul. 2024.
- DUARTE, Eduardo de Assis (org.). *Literatura afro-brasileira: 100 autores do século XVIII ao XXI*. 2^a ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2019.

- EVARISTO, Conceição; JESUS, Vera Eunice de. *Outras letras: tramas e sentidos da escrita de Carolina Maria de Jesus*. In: JESUS, Carolina Maria de. *Casa de alvenaria: volume 1 e 2*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- EVARISTO, Conceição. *Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita*. Revista Z Cultural, 2005. Disponível em: <https://revistazcultural.pacc.uffj.br/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos-lugares-d-e-nascimento-de-minha-escrita>. Acesso em: 11 dez. 2024.
- JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo – diário de uma favelada*. São Paulo: Francisco Alves, 1960.
- _____. *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada*. São Paulo: Francisco Alves, 1961.
- _____. *Casa de alvenaria*, volume 1 e 2. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- _____. *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. *Os caminhos literários de Carolina Maria de Jesus: experiência marginal e construção estética*. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2013. doi:10.11606/D.8.2013.tde-13112013-100432. Acesso em: 2024-06-26.
- PINHO, Fabiana de; RODRIGUES, Renata. “Outros olhares para o sistema literário brasileiro: afrodescendências nos escritos de Conceição Evaristo e Allan da Rosa”. Congresso Internacional ABRALIC 2018, Uberlândia, XVI, pp. 3.049-3.058, dez. 2018.
- ROSA, Allan da. *Ai lá(Apresse)*. *Cadernos Negros*, 2006. In: DUARTE, Eduardo de Assis (org.). *Literatura afro-brasileira: 100 autores do século XVIII ao XXI*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2019.
- SOUSA, Germana Henriques Pereira de. *Carolina Maria de Jesus: o estranho diário da escritora vira-lata*. Vinhedo: Horizonte, 2012.
- SOUTO, Amanda Moura; FREITAS, Matheus Silva. “Uma narrativa do Brasil nas memórias e temporalidades das experiências negras no *Diário de Bitita* (1986)”. *Tematicas*. Campinas, v. 30, nº 59, pp. 165-192, 2022. DOI: 10.20396/tematicas.v30i59.15885. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/15885>. Acesso em: ago. 2024.